

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Vya

Class.: 53

Data: 4 de julho de 1973

Pg.: 28



Última foto em Brasília



No velório: o continuador Apoena entre Cereroê e Uarodi

INDIGENISMO

Morreu Meirelles

Num português vacilante, Cereroê traduziu resumidamente, terça-feira passada no cemitério do Caju, GB, a longa lamentação em xavante do chefe Uarodi ante o caixão de Francisco Meirelles: "O corpo não resistiu à dor. Assim quiseram os deuses. Vou levar a notícia para a missão. Nossos irmãos vão chorar muito". Depois, em silêncio, os olhos fixos no caixão, ambos acompanharam o final da cerimônia, até a colocação de cinco coroas de flores sobre o modesto túmulo — homenagem de amigos, parentes e direção da Fundação Nacional do Índio, Funai.

Ainda mais do que a família e os amigos, os índios — Cereroê, guerreiro de 23 anos, e Uarodi, filho do nonagenário Apoena, cacique xavante que permaneceu à margem do rio das Mortes por não poder mais arriscar-se a viagens longas, mesmo de avião — pareciam sentir na morte do sertanista pernambucano uma perda irreparável. Uarodi, mandado buscar nas selvas de Mato Grosso especialmente para despedir-se do "chefe branco", estava profundamente deprimido e viu-se atacado de distúrbios neuro-vegetativos ao deparar com o velório na Casa do Índio da ilha do Governador. Uarodi, que não pronuncia uma palavra em português, recusou todos os convites para conhecer o Rio, preferindo voltar menos de 24 horas depois para sua terra. O aculturado Cereroê, que o sertanista trouxera para "conhecer a cidade grande" uma semana antes, permaneceu no Rio até sábado, mas se recusava a comentar a amizade que os unia. O olhar perdido numa foto antiga de Francisco Meirelles, repetia monotona-

mente: "Era um grande amigo, amigo dos xavantes. Dormimos no mesmo quarto em Brasília".

O desabafo — Cereroê acompanhou praticamente todos os últimos momentos de Meirelles. Em sua companhia viajara uma semana antes para o Rio e no sábado, dia 23 de junho, fora com ele e o cineasta Genil Vasconcelos — autor de documentários sobre a participação de Meirelles na pacificação dos xavantes, cuicurus, caymoras e caiapós — visitar a viúva de Alberto Pizarro Jacobina, colega desde os tempos do Serviço de Proteção aos Índios, SPI. Segundo Genil, "foram momentos de grande emoção", que devem ter acelerado o fulminante enfarte do miocárdio, sofrido na noite de domingo. Jacobina, que morreu no ano passado, prestou grande assistência a Meirelles em 1968, durante a gestão de José Gama Malcher no SPI, quando o pernambucano de Ribeirão, já sexagenário, passou um mês preso sob a falsa acusação de erros na prestação de contas de uma missão no Pará. Apesar do estoicismo com que Meirelles suportou a prisão, a injustiça calou fundo em sua família. Sua esposa, dona Abigail, durante o enterro, chegou a referir-se ao episódio entre soluços: "Vêm lá do fundo", afirmou, "as amarguras pelas injustiças." Desabafo que levou o filho, Apoena, pacificador atual dos kranhacãrores, a esclarecer que se relacionava com gestões antigas do órgão de assistência aos índios, "pois a atual direção da Funai sempre apoiou meu pai".

O sucessor — Em verdade, existia uma completa identidade de pensamento entre a direção da Funai e o seu falecido supervisor dos trabalhos de atração e pacificação na Amazônia. Exatamente por



Com os xavantes, em 1947

isso, dois dias após o sepultamento, já se procurava um indigenista de igual prestígio para substituí-lo. Em funções de responsabilidades ainda maiores do que o nome do cargo, será necessário um funcionário com experiência acima da média. E dois deles eram imediatamente lembrados em Brasília: Cláudio Villas Boas ("Orlando, não", advertiu um funcionário da Funai) e Gilberto Figueiredo. Este, que já desempenhou tarefas burocráticas e atualmente, mandado por Meirelles, se encontra tentando aproximação com os atoarís na região por onde vai passar a Perimetral Norte, parece o mais cotado para receber o convite. A Cláudio Villas Boas, além das suas já conhecidas divergências com o presidente da Fundação, general Bandeira de Mello, não agradariam a obrigatoriedade de usar gravata e paletó e a clausura num gabinete, mesmo com as condições.